

279

Fase final do 1º Festival

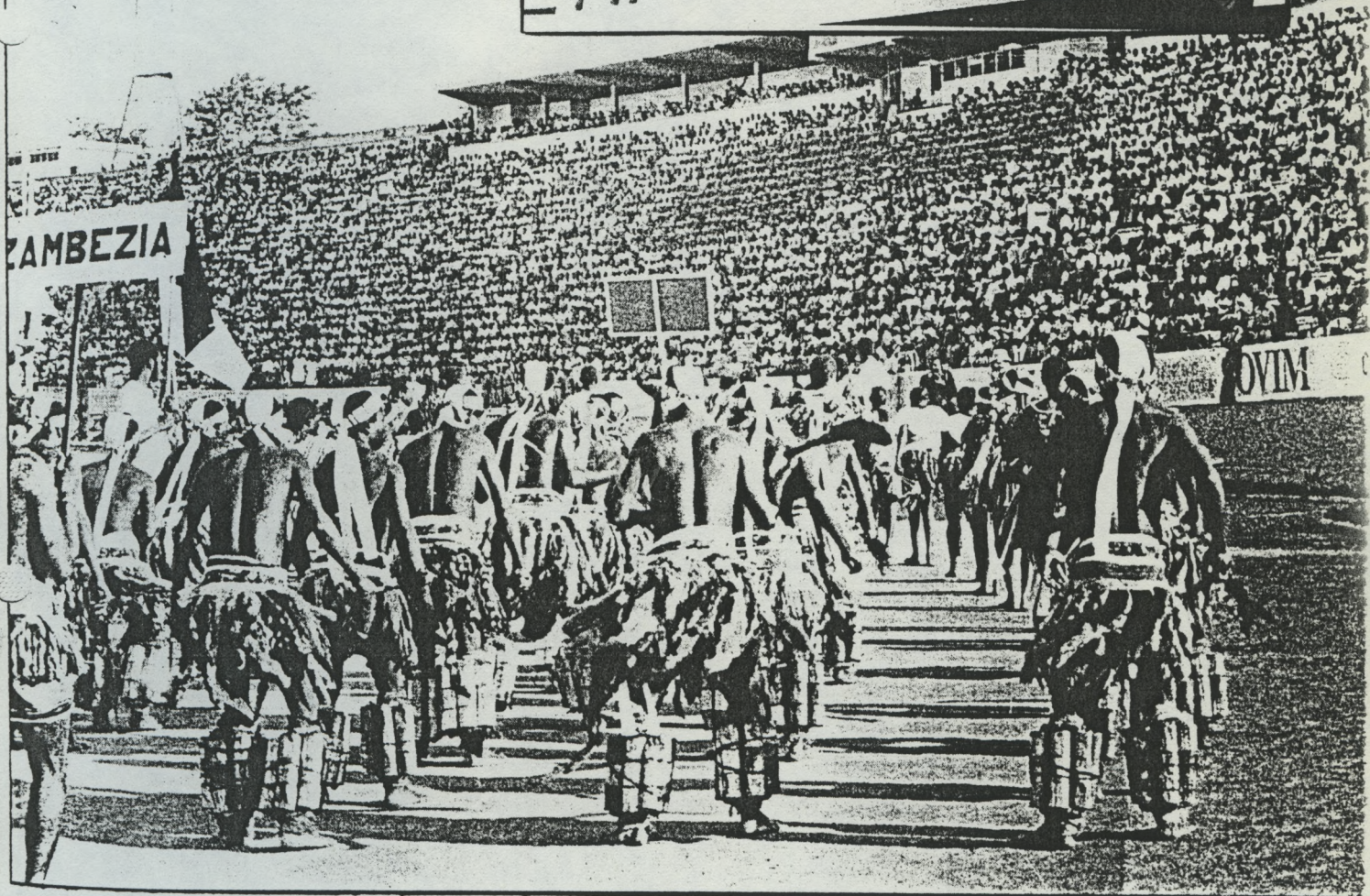


O homem comunica com o seu semelhante através da voz, da escrita e dos gestos. A linguagem dos gestos, da qual a dança é a forma mais conhecida, não tem limitações. É uma linguagem universal, capaz de ser entendida por todos os povos.

O homem, ao dançar, exprime a sua alegria, a sua dor, a sua determinação. A dança encontra-se assim a presidir a todos os momentos importantes do ciclo da vida. A mensagem que transmite através dos gestos, ritmos e coreografia, é compreendida por todos os homens que conjuntamente se sentem unidos na dor e na alegria.

25/06/78

Nacional de Dança Popular



Na R.P.M. estamos engajados numa Revolução Cultural que visa devolver ao homem moçambicano aquilo que lhe é mais essencial, aquilo que é herança da experiência acumulada por gerações, aquilo que nos liga com o nosso passado histórico e nos projecta no futuro, a nossa cultura, molde da personalidade moçambicana.

É por isso natural a escolha da dança, forma ideal necessária, agradável e bela de comunicação, para realizarmos o nosso Primeiro Festival Nacional de Cultura.

O 1º. DIA

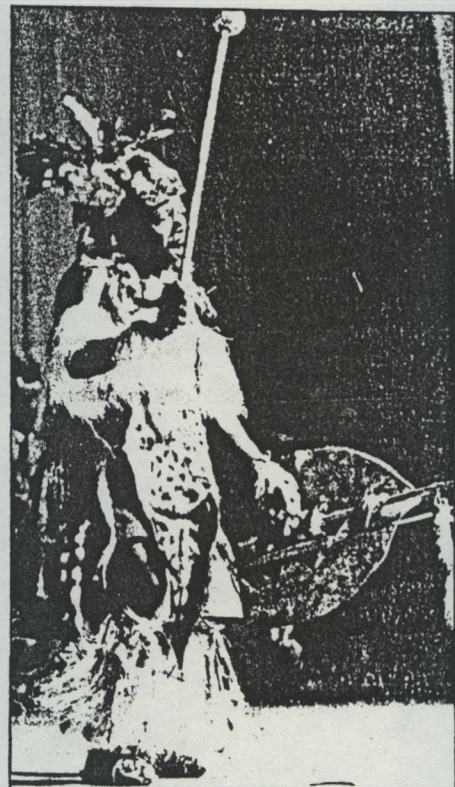
Dia 17 deste mês foi sábado. À tarde, são 3 horas, o Estádio da Machava está quase cheio; é gente dos subúrbios e da cidade, individualmente ou em grupos como os alunos de várias escolas. Lá em cima, na tribuna, estão mui-

tos membros do Comité Central da FRELIMO e do Conselho de Ministros e pouco depois chega o Presidente Samora. Na bancada central estão algumas centenas de soldados das Forças Populares e por toda a parte há crianças, algumas delas, ainda, do sub-mundo suburbano e citadino.

Na pista de atletismo e no relvado do campo andam de um lado para o outro jornalistas, fotógrafos, cineastas, de Moçambique e de outros países; mais de 50.

Em frente da central, do lado de lá, por cima do local onde a 26 de Junho de 1975 foi acesa a Chama da Unidade, está um gigantesco cartaz de pano branco que tem escritas a vermelho, e ao lado da figura de um dançarino, as palavras «1.º Festival Nacional de Dança Popular».

Pela porta da maratona entre a banda das FPLM a tocar muito certinho, acendendo o rastilho do ambiente de festa que pairava sobre todo o estádio. Quase simultaneamente, empunhando bandeiras vermelhas, pretas, verdes, brancas e amarelas, entram 200 jovens que, no relvado, executam vários exercícios de conjunto. Entretanto, pela mesma porta da maratona, começam a aparecer os 600 dançarinos e músicos, 60 de cada uma das dez províncias, que trouxeram à capital do país as danças mais representativas do povo moçambicano. A frente vem a delegação de Cabo Delgado seguida da de Niassa e das de Nampula, Zambézia, Tete, Sofala, Manica, Inhambane, Gaza e Maputo. Separados por uns 20 metros, os grupos viram à direita, pela pista de



O homem, ao dançar, exprime também a incapacidade de explicar os fenómenos da natureza. Ele pressente que a única forma de modificar a natureza em seu favor é a acção e tenta agir sobre a natureza através da dança, forma ritmada e organizada de acção, de maneira que haja chuva que fertilize as terras e os campos surjam verdes, numa promessa de fartura.

atletismo, passando pela central sempre a dançar. Num relance bastante rápido distinguem-se o Mapico, o Nyau, o Nsiripuiti, a Makhay e o Xigubo que são apenas cinco das cerca de 250 danças do nosso povo.

Dançarinos e dançarinas, tambores pequenos, tambores médios, tambores grandes, timbilas, máscaras, vozes, gestos, saltos, escudos, lanças, pedaços de madeira trabalhados em forma de metalhadora; à nossa frente passam os símbolos mais característicos e caracterizantes da história de um povo numa amálgama de especificidades que compõem a mais desenvolvida de todas as artes de Moçambique (e de África): a dança.

Já no centro do relvado os grupos entregam-se mais completamente ao

acto de dançar, os corpos já suados, fundindo música e teatro. Os fotógrafos e cineastas vão de grupo em grupo fotografando, filmando, registando para a posteridade o primeiro dia da fase final de um festival que ao longo de 6 meses envolveu mais de 200 mil dançarinos e músicos em competições de localidade, distritais e provinciais, desde camponeses e operários, desde grupos com reminiscências (mais ou menos recentes) de seitismo a grupos polivalentes escolares. (Em termos de síntese poder-se-á falar de um marco importante no longo processo de ruptura com o regionalismo, algo de grandioso num país africano).

De perto distinguem-se as linhas de marcação de cada dança. As máscaras do Nyau atraem-nos a atenção. O Mapico também. No grupo de Nampula

um dos dançarinos ergue, pela cintura e com os dentes, uma rapariga do grupo. Em todo o estádio estala uma ovação. O mesmo para um dançarino de Manica que consegue dar ao corpo as formas mais estranhas.

Um elo de ligação, de ligação histórico-cultural, entre a temática de quase todas as danças é a presença do fenómeno guerra; quer nos instrumentos usados pelos grupos quer nos gestos, testemunhos de todo o período que vai desde as primeiras guerras de resistência à ocupação colonial até à Luta Armada de Libertação Nacional dirigida pela FRELIMO. (Há aí, sem dúvida, um ponto de partida para uma abertura de novas perspectivas de acção no domínio cultural, nomeadamente, no sentido de uma consolidação da unidade nacional).



Esta linguagem da dança é património da nossa cultura, que é necessário preservar e enriquecer. As nossas danças, como iremos dentro em breve verificar, expressam também a resistência à opressão colonial. Exaltam o combate libertador e mostram a alegria da vitória.

⊗ Pertence ao Grupo de Zombesia



É um facto que, no seu conteúdo as danças moçambicanas ainda se apresentam fortemente associadas a uma concepção idealista do mundo e a certas práticas negativas da sociedade tradicional-feudal.

Perguntam-se, por isso, alguns de nós, da razão porque ao mesmo tempo que combatemos o lobolo, os ritos de iniciação e a superstição, acarinhamos e divulgamos as danças e cantares que normalmente acompanham esses actos. Importa, pois, esclarecer este assunto, para ultrapassarmos esta contradição que é apenas aparente.

A dança é uma forma de comunicação, assim como o é a fala, a escrita, e o canto. A dança, tal como outras formas de comunicação, transmite um certo conteúdo que reflecte as concepções dominantes de uma certa sociedade. Compreendamos que a evolução da sociedade determina modificações muitas vezes radicais, na interpretação dos fenómenos da vida e da natureza.

Nós, hoje, em Moçambique, educados na linha política da FRELIMO, compreendemos o carácter profundamente negativo do lobolo, dos ritos de iniciação e das práticas supersticiosas. Isso quer dizer que combatemos activamente o conteúdo que a sociedade velha conferiu a algumas das nossas danças. Todavia, os gestos, o ritmo, o jogo de expressões corporais, as figuras que compõem essas danças, nada têm, em si, de negativo.

Podemos concluir que se dominarmos a técnica desse ritmo, desse jogo corporal, desses gestos e dessas figuras, poderemos com eles, transmitir os conteúdos positivos. Poderemos em vez de transmitir a superstição, a ignorância, o derrotismo, características da sociedade tradicional feudal, construir com os mesmos elementos expressivos uma dança que mostre a confiança do Povo no seu futuro, que mostre a conquista da consciência colectiva, que mostre um conhecimento científico do homem e da natureza.



As nossas danças não são portanto, formas fossilizadas de uma sociedade passada, elas têm plasticidade bastante para reflectirem as preocupações actuais da nossa Sociedade.

A transformação do conteúdo das nossas danças é já resultado do trabalho político desenvolvido pela FRELIMO nas zonas libertadas. Ali aprendemos que a diversidade cultural não é um factor de divisão mas sim, uma cultura comum. Ali aprendemos que a diversidade cultural não é um facto de divisão, mas sim, uma prova da riqueza da nossa cultura comum. Ali aprendemos que a escultura, a dança, o canto e todas as manifestações culturais, constituem poderosos instrumentos de fortalecimento da nossa unidade e de mobilização do nosso Povo para as tarefas da luta armada. A vitória do Povo moçambicano na luta pela **Independência Nacional**, para libertar a terra e os homens, libertou a nossa cultura.

(Extractos do discurso do Ministro da Educação e Cultura, Graça Machel, na abertura da fase final do 1.º Festival Nacional de Danças).